

SUMÁRIO

Aos meus leitores.....	7
Uma perda terrível	9
Os problemas de Glinda, a Boa	14
O roubo de Cayke, a Cozinheira de Cookies.....	17
No meio dos winkies.....	26
Os amigos de Ozma estão perplexos	30
O grupo de busca.....	37
As Montanhas de Carrossel	45
A cidade misteriosa.....	53
O Alto Coco-Lorum de Cardia.....	61
Totó perde algo	70
Botão-Brilhante se perde.....	75
O Tzarsobre de Herku.....	82
A Lagoa da Verdade	90
O barqueiro infeliz	95
O Grande Urso Lavanda.....	100
O Ursinho Rosa	104
O encontro	111
A conferência	118
Ugu, o Sapateiro.....	122

Mais surpresas.....	126
Magia contra magia.....	132
No castelo de vime	137
O desafio de Ugu, o Sapateiro.....	144
O Ursinho Rosa fala a verdade	149
Ozma de Oz.....	152
Dorothy perdoa	156



AOS MEUS LEITORES

Alguns dos meus leitores mais jovens estão desenvolvendo imaginações fantásticas. Isso me agrada. A imaginação transportou a humanidade da Idade das Trevas para seu estado atual de civilização. A imaginação fez com que Colombo descobrisse a América. A imaginação fez com que Franklin descobrisse a eletricidade. A imaginação nos deu o motor a vapor, o telefone, a máquina falante e o automóvel, porque precisaram sonhar com essas coisas antes que elas se tornassem realidade. Assim, acredito que os sonhos (aqueles que a gente sonha acordado, com os olhos bem abertos e o maquinário do cérebro zunindo) provavelmente levarão à melhoria do mundo. A criança imaginativa se tornará o homem ou a mulher imaginativos com mais aptidão para criar, inventar, e, portanto, para fomentar a civilização. Um importante educador me disse que os contos de fada têm um valor imensurável no desenvolvimento da imaginação das crianças. E eu acredito.

Dentre as cartas que recebo de crianças, muitas contêm sugestões sobre “o que escrever no próximo livro de Oz”. Algumas das ideias são extremamente interessantes, enquanto outras são extravagantes demais para serem levadas a sério, mesmo em um conto de fadas. Ainda assim, gosto de todas elas, e devo admitir que a ideia principal em *A princesa perdida de Oz* me

L. FRANK BAUM

foi sugerida por uma adorável garotinha de onze anos que veio me visitar e falar sobre a Terra de Oz. Disse ela: “Imagino que se Ozma desaparecesse, ou fosse sequestrada, todos em Oz ficariam muitíssimo tristes”.

E foi só isso, mas foi base o suficiente para construir essa presente história. Caso goste dela, o crédito é da dica esperta da minha amiguinha. E, a propósito, não hesitem em me escrever com suas dicas e sugestões, como o resultado de seus sonhos acordados. Certamente me interessarei por elas, mesmo se não puder usá-las em uma história, e o próprio fato de ter sonhado com isso vai me alegrar e fazer-lhe bem.

Afinal, no fim das contas, caros leitores, essas histórias de Oz são suas e minhas, e somos parceiros. Enquanto quiserem lê-las tentarei escrevê-las, e acho que a próxima terá algumas aventuras impressionantes do “Homem de Lata de Oz” e seus companheiros.

L. FRANK BAUM

Historiador Real de Oz

“OZCOT”

HOLLYWOOD, CALIFÓRNIA, 1917



UMA PERDA TERRÍVEL

Não havia dúvida alguma quanto a esse fato: a princesa Ozma, a adorável garota governante da Terra das Fadas de Oz, estava perdida. Ela desaparecera completamente. Nenhum de seus súditos, nem mesmo seus melhores amigos, sabiam o que acontecera com ela.

Dorothy foi quem descobriu. Ela era uma garotinha do Kansas que viera morar na Terra de Oz e que recebera aposentos encantadores no palácio real de Ozma, pois Ozma amava Dorothy e queria que ela morasse o mais perto possível, para que ficassem bastante tempo juntas.

Dorothy não era a única garota do mundo exterior que fora acolhida em Oz e que morava no palácio real. Havia outra chamada Betsy Bobbin, cujas aventuras fizeram com que buscasse refúgio com Ozma, e outra ainda chamada Trot, que fora convidada, juntamente com seu fiel companheiro, Capitão Bill, para morar nessa maravilhosa terra das fadas. As três garotas tinham aposentos no palácio e eram grandes amigas, mas Dorothy era a amiga mais querida da graciosa governante, e somente ela se atrevia a procurar Ozma a qualquer hora em seus aposentos reais. Pois Dorothy vivia em Oz há muito mais tempo que as outras garotas e se tornou princesa do reino.

Betsy era um ano mais velha do que Dorothy, e Trot era um ano mais nova. Mesmo assim, as três tinham idades parecidas o suficiente para se

tornarem ótimas amigas e se divertirem juntas. Foi enquanto as três estavam conversando uma manhã no quarto de Dorothy que Betsy propôs que fossem para o País dos Munchkins, que era um dos quatro grandes países da Terra de Oz governada por Ozma.

– Ainda não estive lá – disse Betsy Bobbin –, mas o Espantalho me disse uma vez que é o país mais bonito de toda a Oz.

– Eu também gostaria de ir – acrescentou Trot.

– Muito bem – disse Dorothy. – Vou pedir a Ozma. Talvez ela deixe que levemos o Cavalete e a carruagem vermelha, o que seria bem melhor do que termos que andar o caminho inteiro. Essa Terra de Oz é bastante grande quando consideramos todos os cantos dela.

Assim, ela se levantou em um pulo e percorreu os corredores do palácio esplêndido até chegar aos aposentos reais, que ocupavam o segundo andar inteiro. A camareira de Ozma, Jellia Jamb, estava ocupada costurando em uma pequena sala de espera.

– Ozma já acordou? – perguntou Dorothy.

– Não sei, minha cara – respondeu Jellia. – Ainda não ouvi nenhuma palavra dela essa manhã. Ela nem pediu ainda por seu banho ou café da manhã, e já passou e muito da hora normal deles.

– Isso é estranho! – exclamou a garotinha.

– Sim – concordou a camareira –, mas é claro que não pode ter acontecido nada de errado com ela. Ninguém pode morrer ou ser morto na Terra de Oz, e a própria Ozma é uma fada poderosa, não tem inimigos, até onde sabemos. Por isso não estou nem um pouco preocupada com ela, apesar de admitir que seu silêncio é incomum.

– Talvez ela tenha dormido além da conta – disse Dorothy, pensativa.
– Ou pode estar lendo ou trabalhando em algum tipo novo de magia para fazer o bem para seu povo.

– Qualquer uma dessas coisas pode ser verdade – respondeu Jellia Jamb –, por isso não me atrevi a perturbar nossa dama real. Mas você é uma pessoa privilegiada, princesa, e tenho certeza de que Ozma não se importaria se você entrasse para vê-la.

A PRINCESA PERDIDA DE OZ

– Claro que não – disse Dorothy, e entrou abrindo a porta da antessala. Tudo estava quieto ali. Ela entrou no próximo cômodo, que era o *boudoir* de Ozma, e então, abrindo uma pesada cortina ricamente bordada com fios de ouro puro, a garota entrou no quarto da fada Governante de Oz. A cama de marfim e ouro estava vazia; o quarto estava vazio; não havia sinal algum de Ozma.

Bastante surpresa, mas ainda sem medo de que algo tivesse acontecido à sua amiga, Dorothy voltou pelo *boudoir*, indo para o restante dos aposentos. Ela foi à sala de música, à biblioteca, ao laboratório, ao banheiro, ao closet e até à grande sala do trono, que era adjacente aos aposentos, mas não encontrou Ozma em nenhum desses lugares.

Ela voltou à sala de espera onde tinha deixado a camareira, Jellia Jamb, e disse:

– Ela não está em seus aposentos agora, então deve ter saído.

– Não sei como ela pode ter feito isso sem que eu visse – respondeu Jellia –, a não ser que tenha ficado invisível.

– Bem, de qualquer forma, ela não está lá – afirmou Dorothy.

– Então, vamos procurá-la – sugeriu a camareira, que parecia um pouco inquieta.

Elas percorreram os corredores, e Dorothy quase tropeçou em uma garota estranha que estava dançando levemente pela passagem.

– Pare um instante, Aparas! – disse Dorothy. – Viu Ozma hoje de manhã?

– Eu não! – respondeu a garota estranha, dançando mais para perto. – Perdi meus dois olhos ontem à noite em uma briga com o Woozy, que os arrancou do meu rosto com suas patas quadradas. Assim, guardei meus olhos no bolso e hoje de manhã Botão-Brilhante me levou até a tia Em, que os costurou de volta. Por isso, não vi nada hoje, exceto nos últimos cinco minutos. Então, é claro que não vi Ozma.

– Muito bem, Aparas – disse Dorothy, olhando curiosamente para os olhos que eram simplesmente dois botões pretos e redondos costurados no rosto da menina.

Havia outras coisas a respeito da Aparas que pareceriam curiosas ao vê-la pela primeira vez. Ela era comumente chamada de “Menina de Retalhos”, porque seu corpo e seus membros foram feitos de uma colcha de retalhos de cores vivas que fora cortada naquele formato e enchida com algodão. Sua cabeça era uma bola recheada da mesma forma e presa em seus ombros. Em vez de cabelo, ela tinha um bocado de lã marrom e, para que tivesse um nariz, uma parte do tecido foi puxada no formato de uma maçaneta e amarrada com uma linha para que ficasse no lugar. Sua boca foi feita cuidadosamente cortando uma fenda no lugar certo e forrando-a com seda vermelha, acrescentando duas fileiras de pérolas para os dentes e um pedacinho de flanela vermelha para a língua.

Apesar dessa composição estranha, a Menina de Retalhos estava magicamente viva e tinha provado ser uma das figuras pitorescas bastante alegres e agradáveis que habitavam a incrível Terra de Fadas de Oz. Na verdade, Aparas era uma das preferidas de todos, apesar de ser um bocado descuidada e imprevisível, e de dizer e fazer muitas coisas que surpreendiam seus amigos. Ela quase não ficava quieta, amava dançar, dar estrelinhas e piruetas, subir em árvores e deixar-se levar por muitas outras atividades dinâmicas.

– Vou procurar Ozma – observou Dorothy –, porque ela não está em seus aposentos e quero fazer um pedido.

– Vou com você – disse Aparas –, porque meus olhos são mais brilhantes que os seus e eu posso ver mais longe.

– Não tenho certeza disso – respondeu Dorothy –, mas pode vir junto se quiser.

Juntas elas procuraram por todo o grande palácio, indo até aos limites mais distantes do terreno, que era bastante grande, mas não encontraram uma pista sequer de Ozma. Quando Dorothy voltou para onde Betsy e Trot a esperavam, o rosto da garotinha estava bastante preocupado, já que Ozma nunca saíra sem dizer a suas amigas aonde ia, ou sem uma escolta condizente com seu estado real.

Mesmo assim, ela não estava lá e ninguém a vira sair. Dorothy encontrou o Espantalho, Tic-Tac, o Homem-Farrapo, Botão-Brilhante, Capitão Bill,

e até mesmo o sábio e poderoso Mágico de Oz, e perguntou a todos eles, mas ninguém tinha visto Ozma desde que ela se despedira dos amigos na noite anterior e se retirara para seus aposentos.

– Ela não disse nada na noite passada sobre ir a lugar algum – observou a pequena Trot.

– Não, e essa é a parte esquisita – respondeu Dorothy. – Geralmente, Ozma nos diz tudo o que ela faz.

– Por que não olhar no quadro mágico? – sugeriu Betsy Bobbin. – Aí saberemos onde ela está, e isso só vai levar um segundo.

– É claro! – gritou Dorothy. – Por que não pensei nisso antes? – e as garotas foram imediatamente para o *boudoir* de Ozma, onde o quadro mágico sempre ficou.

Esse incrível quadro mágico era um dos maiores tesouros reais de Ozma. Ele tinha uma grande moldura de ouro, em cujo centro havia uma tela azul-acinzentada onde várias cenas apareciam e desapareciam constantemente. Se a pessoa que estivesse em sua frente desejasse ver o que qualquer um, em qualquer lugar do mundo, estivesse fazendo, só era necessário desejar e a cena no quadro mágico mudaria para a cena em que a tal pessoa estivesse e mostraria exatamente o que ele ou ela estivesse fazendo. Portanto, as garotas sabiam que seria fácil para elas desejarem ver Ozma, e com o quadro elas descobririam bem rápido onde ela estava.

Dorothy foi até o lugar em que o quadro ficava geralmente coberto por pesadas cortinas de cetim e as abriu. Ela então ficou olhando surpresa, enquanto as duas amigas soltavam exclamações de decepção.

O quadro mágico tinha desaparecido. Só havia um espaço vazio atrás das cortinas onde ele antes estivera pendurado.



OS PROBLEMAS DE GLINDA, A BOA

Naquela mesma manhã, houve muita animação no castelo da poderosa Bruxa de Oz, Glinda, a Boa. Esse castelo, que ficava no País dos Quadlings, muito ao sul da Cidade das Esmeraldas onde Ozma governava, era uma construção esplêndida de mármore belíssimos e grades de prata. A Bruxa morava aqui, cercada por um conjunto das mais belas donzelas de Oz, trazidas de todos os quatro países daquela terra das fadas, assim como da própria Cidade das Esmeraldas, que ficava no cruzamento entre os quatro países.

Era considerada uma grande honra poder servir à Bruxa Boa, cujas artes da magia eram usadas apenas em benefício do povo de Oz. Glinda era a serva mais valiosa de Ozma, porque seu conhecimento de bruxaria era fantástico e ela podia conseguir quase qualquer coisa que sua mestra, a adorável governante de Oz, desejasse.

De todas as coisas que cercavam Glinda em seu castelo, não havia nada mais fantástico do que seu grande livro de registros. Todos os eventos importantes que aconteciam em qualquer lugar do mundo conhecido eram constantemente inscritos nesse livro, a cada dia e a cada hora, exatamente no momento em que aconteciam. Cada aventura na Terra de Oz e no

grande mundo além dela, mesmo lugares de que nunca se tinha ouvido falar, estava registrada com precisão no grande livro, que nunca cometia erro algum e só trazia a mais pura verdade. Por esse motivo, nada podia ser escondido de Glinda, a Boa, que só precisava olhar as páginas do grande livro de registros para saber tudo que havia acontecido. Esse era um dos motivos que faziam dela uma grande bruxa, pois os registros a tornavam mais sábia do que qualquer outra pessoa viva.

Esse livro fantástico ficava sobre uma grande mesa de ouro no meio da sala de estar de Glinda. As pernas da mesa, que eram incrustadas de pedras preciosas, estavam firmemente presas no chão de cerâmica, e o livro em si estava acorrentado à mesa e preso com seis fortes cadeados de ouro. As chaves que os abriam estavam em um colar que Glinda carregava em volta do pescoço.

As páginas do grande livro eram maiores do que as de um jornal e, apesar de serem extremamente finas, havia tantas delas que o livro era um tomo enorme e robusto. Com a capa de ouro e as fechaduras de ouro, o livro era tão pesado que três homens mal conseguiam levantá-lo. Ainda assim nesta manhã, quando Glinda entrou em sua sala de estar após o café da manhã, com todas as suas donzelas seguindo-a, a Bruxa Boa ficou deslumbrada ao descobrir que seu grande livro de registros havia desaparecido misteriosamente.

Indo até a mesa, ela viu que as correntes tinham sido cortadas com algum instrumento afiado, e que isso deve ter acontecido enquanto todo o castelo dormia. Glinda estava chocada e aflita. Quem poderia ter feito algo tão ousado e maldoso? E quem poderia querer deixá-la sem seu grande livro de registros?

A Bruxa ficou pensativa por um tempo, considerando as consequências de sua perda. Ela então foi para a sala de magia preparar um feitiço que lhe diria quem roubara o livro de registros. Mas, quando destrancou e abriu as portas de seus armários, todos seus instrumentos mágicos e raros compostos químicos haviam sido retirados das prateleiras.

A Bruxa agora estava tão irritada quanto alarmada. Ela se sentou em uma cadeira e tentou pensar como esse roubo extraordinário podia ter